

O UNHEIMLICH¹, POR DENTRO

The Unheimlich, inside

Das Unheimliche, innen

Dietmar Kamper²

Tradução: Danielle Naves de Oliveira³

DOL:10.31501/esf.v3i31.15217

Resumo: O texto problematiza o conceito de *Unheimlich* a partir de sua dialética, seus intercâmbios e propriedades. A noção é apresentada a partir da dialética da apropriação do estranho em Giambattista Vico, Günther Anders, Francisco de Goya e Sigmund Freud. No caso deste último, o conceito é relido fundamentando-se na concepção de estranho retirada de exemplos literários do romantismo, em particular em *O homem da areia* (*Der Sandmann*) de E.T.A. Hoffmann. Trata-se aqui de uma abordagem filosófica para o termo, que visa construir uma reflexão crítica para o conceito a partir “de dentro”, ou seja, numa perspectiva etimológica e crítica.

Palavras-chave: *Unheimlichkeit*. Infamiliar. Diabólico. Técnica.

Abstract: The text discusses the concept of *Unheimlich* starting from its dialectics, its interchanges and properties. The notion is presented based on the dialectic of the appropriation of the strange in Giambattista Vico, Günther Anders, Francisco de Goya and Sigmund Freud. With regard to this last author, the concept is reread based on literary examples of romanticism, in particular in *The Sandman* (*Der Sandmann*) by E.T.A. Hoffmann. This is a philosophical approach to the term, which aims to construct a critical reflection on the concept from “inside”, that is, from an etymological and critical perspective.

Keywords: *Unheimlichkeit*. Uncanny. Diabolical. Technique.

Zusammenfassung: Der Text erörtert den Begriff des Unheimlichen ausgehend von seiner Dialektik, seinen Wechselwirkungen und Eigenschaften. Der Begriff wird anhand der Dialektik der Aneignung des Fremden bei Giambattista Vico, Günther Anders, Francisco de Goya und Sigmund Freud vorgestellt. Im Hinblick auf diesen letztgenannten Autor wird der Begriff anhand literarischer Beispiele der Romantik neu gelesen, insbesondere in „Der Sandmann“ von E.T.A. Hoffmann. Dies ist eine philosophische Annäherung an den Begriff, die darauf abzielt, eine kritische Reflexion des Begriffs von „innen“ aus zu konstruieren, das heißt aus einer etymologischen und kritischen Perspektive.

Schlüsselwörter: Unheimlichkeit. Teuflisch. Technik.

¹ A tradução optou por utilizar o termo no original. Em português, têm sido utilizadas traduções como “infamiliar”, “inquietante” ou “estranho-familiar”, todas adequadas.

² Dietmar Kamper (1936-2001), filósofo, sociólogo e pensador da cultura, Universidades de Marburg e de Berlim, Alemanha.

³ Doutora; Universidade de Brasília, Brasília-DF, Brasil. dani.schrder@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-3317-1554>

Dossiê: Comunicação infamiliar

Com o presente tema, pretende-se algo além da dialética corrente. O *Unheimlich* não é dialetisável. É aquilo que estupora do secreto, que do mais íntimo deixa irromper o mais externo, como um abscesso. É preciso reforçar a suspeita de que a dialética do pátrio e do estrangeiro, tão tematizada atualmente, oculta um problema muito pior, tanto como discussão quanto como experiência. Ou mesmo substitui, visto que a botica da razão ainda não ofereceu solução para isso. Enquanto continuar possível colocar o estranho como fundo de ressonância para o próprio, como contra-imagem do si, como pólo de uma complementaridade silenciosa, prevalecerá o quadro de um debate que acompanha e ampara a Europa desde o Romantismo. Muito mais grave seria a completa homogeneidade do mundo, a imanência sem alternativas de um princípio único que, inclusive, propicia o auto-disfarce das discussões atuais sobre o próprio, o estranho, sobre propriedade cultural e alienação política. Porém, o que acontece no interior do sistema vai expressamente se ocultando [*wird verheimlicht*] através de tais adensamentos e reclusões.

O *Unheimlich* provém do intercâmbio entre os vivos e os mortos, mais precisamente, do fracasso desse intercâmbio. O lugar de seu surgimento não é a margem, mas o centro — ou se preferirem: o coração humano. Uma mentalidade defensiva, preocupada apenas com suas propriedades, está completamente despreparada para a virada perigosa que vem da atual projeção da periferia do mundo e da marcha das vítimas da História reivindicando reparação. Esse perigo não vem de fora, mas aninha-se no foco do si, no foco na humanidade do homem, no foco do humanismo europeu.

A dialética da apropriação do estranho levou, exteriormente, à aniquilação do outro e, interiormente, a uma apoteose do mesmo. Ela não serve mais para decifrar o que acontece hoje. Os

Dossiê: Comunicação infamiliar

limites da propriedade e da alienação foram ultrapassados e são agora vivenciados, por um lado, como perda de si e depressão e, por outro, como imensa estupidez. Com isso, parece estar refutada a frase de Giambattista Vico segundo a qual os humanos só podem compreender o que eles mesmos realizaram. Vico, grande humanista e fundador da ciência histórica, escreveu o seguinte em sua *Nova ciência sobre a natureza social dos povos*, capítulo sobre a metodologia das ciências naturais:

E eis que nesta noite sombria, que encobre nossa visão da mais distante antiguidade, aparece a luz eterna daquela verdade, que nunca fenece, e da qual não se deve jamais duvidar: a de que esse mundo histórico foi certamente realizado pelo ser humano: e, portanto, seus princípios podem (e devem) ser encontrados nas modificações de nosso próprio espírito humano. Quem contempla essa situação é possivelmente tomado por grande espanto: como foi que todos os filósofos se esforçaram com seriedade para adquirir a ciência do mundo natural; que, desde sua criação por Deus, é investigado apenas pelos humanos; enquanto foram negligentes por não refletirem sobre o mundo das nações, ou mundo histórico, que pode ser investigado cientificamente por ter sido criado pelo próprio homem. Esse efeito espantoso é produzido pelo pobre espírito humano que, [...] engolido e enterrado pelo corpo, vê-se naturalmente inclinado a perceber somente coisas corpóreas e requer muito esforço compreender a si mesmo; o mesmo se dá com o olho físico, que vê todos os objetos localizados fora si, mas precisa de um espelho para ver a si próprio. (Vico, 1980, p. 174).

O advento do espelho como *medium* principal da reflexão e especulação vindouras é tão marcante quanto a propagação da ideia de que o mundo físico é burro, de que o mundo corpóreo existe para confundir os sentidos de um corpo humano enredado no mundo. Pode-se dizer que a apoteose do mesmo [*des Selben*], iniciada com Vico, chega ao fim nos dias de hoje com uma gigantesca depressão e imbecilização do espírito. O distanciamento da corporeidade ocorrido naquela época não trouxe nenhum esclarecimento, nem sobre a natureza dos povos, tampouco sobre o espírito humano e suas determinações. E, embora o destino terrestre da espécie humana ainda seja incerto, é

Dossiê: Comunicação infamiliar

possível constatar — talvez como transição, talvez como declínio — uma “expansão transhumana” com a qual Vico sequer sonhou.

O que a razão humana fez de si mesma é tão monstruoso [*ungeheuerlich*] que todas as tentativas de compreendê-lo falharam até agora. É somente na sociologia das coisas de Günther Anders que, vez ou outra, essa nova estranheza no coração do *homo faber* dá as caras. Contudo, ele não chega a vinculá-la ao mal. Ao fim de seu segundo volume sobre *O antiquismo do humano* (1980), Anders trata a maldade como algo antiquado, recorrendo a uma nova interpretação goethiana do aprendiz de feiticeiro, não sem antes agravar a situação ao retirar o “mestre” da trama e, com isso, forjar uma história na qual o humano se vê sozinho nos momentos mais decisivos, completamente só [*all-ein*].

Bons tempos eram aqueles, quando a maldade ainda estava incorporada aos maldosos ou aos ímpios, e quando ainda tínhamos esperança de poder combater o mal. Também por isso, por não mais podermos esperar algo, define-se nosso novo “status religioso” — e com isso fecha-se o círculo. Não é pelo fato de termos nos tornado pecadores (ou por natureza ou por uma queda) que ameaçamos o futuro do mundo, mas sim por sermos aprendizes de feiticeiros, ou seja: porque, com a melhor das consciências, não sabemos o que fazemos quando fabricamos nossos produtos; porque não sabemos quais serão suas demandas quando não estiverem mais em nossa posse; porque não conseguimos imaginar que, uma vez em funcionamento (o que já fazem por sua mera existência), esses produtos *desejarão* continuar funcionando, não, *precisarão* continuar funcionando e estarão automaticamente conectados para alcançar um máximo de poder precisamente sobre nós: suas outras mercadorias, ansiosas para serem consumidas e utilizadas, serão colocadas em ação, queiramos ou não, e independentemente de um objetivo político. Ser aprendiz de feiticeiro significa: não saber o que se faz; não saber que a produção é uma ação manipulativa; e não conseguir imaginar, ou temer, ou se arrepender posteriormente dos efeitos daquilo que ele próprio produziu ou criou. (Anders, 2002, p. 409).

Por décadas a fio, Günther Anders não se cansou de martelar tais frases nos ouvidos obstruídos e surdos de seus contemporâneos: durante a produção ocorre algo que escapa à capacidade imaginativa de quem produz; seres humanos são capazes de realizar muito mais do que podem

Dossiê: Comunicação infamiliar

imaginar ou saber; e, pelo menos em termos de destruição, alcançam coisas que jamais consideraram possíveis. Esse tipo específico de projetar-se ou estar-à-frente [*sich-voraus-sein*], que de certa forma tem a ver com sua separação da natureza, é apropriadamente chamado de “demoníaco”. Anders evita essa terminologia, embora cite o diabo quando lhe convém. Em última instância, o “Diabolos” parece ser o último fiador da ordem simbólica que outrora se chamava religião, um desempenho de efeito contra-intencional.

Com tais fórmulas — posto que elas também definem nosso status religioso — mostra-se uma ruptura no interior de nossa existência (em verdade, de nossa existência presente), uma fenda importante entre carne e espírito, obrigação e inclinação, ou quaisquer outros nomes pelos quais as diferenças já tenham atendido. Diante dessa fenda, as diferenças agora parecem ultrapassadas ou mesmo frívolas. O que significa nossa “capacidade” [*Fähigkeit*] de roubar, cometer adultério, blasfemar ou assassinar, perto da capacidade de cometer um genocídio ou — numa expressão que ainda precisa ser inventada — um globocídio? E qual é nossa capacidade de resistir à tal tentação (já que a tentação apenas raramente tem ali um papel importante)? O diabo instalou-se num novo apartamento. E se não formos capazes de expulsá-lo logo — se é que queremos fazê-lo —, precisamos ao menos saber onde ele se esconde e onde poderemos encontrá-lo, para não o combatermos num canto onde ele já não esteja mais e para não sermos pegos de surpresa quando ele ocupar o quarto ao lado.” (Anders, 2002, p. 410).

Ao que parece, esse último parágrafo diz respeito a uma concessão a evidências convencionais, ou seja, a uma verdade que se tornou literalmente insuportável: o globocídio como resultado mais ou menos desejado, aceito, tolerado de um poder humano absolutamente enigmático que, pela singularidade da espécie, não pode mais ser afastado, projetado ou descartado. De fato, Günther Anders é um dos poucos que se mantêm firmes e oferece, em relação ao diabólico, uma nova visada à frase “o inimigo é o problema mais próprio do ser humano, mas com aparência de estranho” (Carl Schmitt, entre outros). E quando não se trata da morte ou do diabo, que seja então um monstro, surgido do mais íntimo. Expansão transhumana significa: os seres humanos adentraram a zona da

Dossiê: Comunicação infamiliar

monstruosidade através do mais reto caminho da humanidade universal(izante), e *não* através de desvios.

Francisco de Goya já havia sinalizado algo nessa direção: a monstruosidade dos seres humanos só é irrefreável porque corresponde a seu próprio padrão básico de estratégias de sobrevivência. Do sonho mais secreto e familiar [*heimlich*] de um auto-endeusamento em curso, surge o mais in secreto e mais infamiliar [*das Unheimlichste*]. O homem que se pretende apenas homem (e nada além disso), já não é um homem mas um monstro — pois aniquilará todo o resto em seu favor. Isso ocorre atualmente em duas frentes: de um lado, visando superar o atual estado da evolução tanto no cérebro quanto na espécie humana, pela maquinização do espírito via exteriorização da faculdade simbólica; de outro, superando e substituindo pela tecnologia genética a faculdade procriadora (feminina). Em mundos imaginários de espelhos, essa transição tem sido ensaiada há décadas, sendo já inclusive considerada a mais normal das situações em filmes de terror e ficção científica, algo que levou a argumentos corriqueiros e abertamente defensivos. E eis que os realistas ainda se espantam com sonhadores que julgam a situação estranha. Em inúmeros laboratórios mundo afora, trabalha-se seriamente para que a expansão transhumana tenha sucesso, para que se chegue enfim a um ser humano monstruoso e para que a velha “natureza humana” não tenha mais nenhuma chance.

Isso funciona como obsessão dúbia e vaga, que usa o “fracasso” da primeira criação para se justificar. Talvez trate-se de um motivo gnóstico que culmina inexoravelmente num “saber melhor” e “fazer melhor”. Contudo, nada é certo em relação a esse impulso, por mais forte e irresistível que seja.

Dossiê: Comunicação infamiliar

Farto de traumas, ele reivindica tardiamente vingança pela ferida mais escandalosa que já tocou uma criatura sábia: tanto no corpo quanto no espírito, ser mortal, frágil e decrepito.

O *Unheimlich* se manifesta (segundo Sigmund Freud, 1919), quando as pessoas não mais conseguem distinguir se algo está vivo ou morto, se é real ou fantasia, se existe ou foi apenas inventado. Como “problema estético”, corresponde invariavelmente ao aparecimento de monstros com características como as mencionadas acima. Talvez os produtos da imaginação humana sejam assumidos pela vida secundária, ou vida da “abstração”, como novos fantasmas (animismo real) ou como algo natimorto. Em todo caso, a abstração agarra-se à cadeia interrompida e rompida de gerações, atingindo as pessoas em seus medos infantis e arcaicos que, inclusive em suas versões mais sublimes, jamais desaparecem por completo.

Na vivência, o *Unheimlich* ocorre quando complexos infantis reprimidos são revividos por uma impressão ou quando crenças primitivas superadas parecem ser reconfirmadas. Finalmente, não se deve permitir que a preferência pela execução contundente e pela representação transparente impeça que se admita que os dois tipos de *Unheimlichkeit* aqui apresentados nem sempre estão nitidamente definidos na experiência. Se considerarmos as crenças primitivas como intimamente ligadas aos complexos infantis e realmente enraizadas neles, não nos surpreenderemos se essa fronteira se apagar. (Freud, 1947, p. 243).

Freud fundamenta sua concepção do estranho com o uso de palavras e exemplos literários do Romantismo, em particular com *O homem da areia* (*Der Sandmann*) de E.T.A. Hoffmann, ou seja, com uma história ocular. Assim, ele enumera as seguintes práticas como tipos de relação ou moderação:

Poucos acréscimos são necessários agora, pois com o animismo, a magia e a feitiçaria, a onipotência do pensamento, a relação com a morte, a repetição involuntária e o complexo de castração, praticamente esgotamos o escopo dos momentos que transformam o meramente temível em *Unheimlich*. [...] Há algo imensamente *unheimlich* em membros amputados, numa cabeça ou mão decepada, em pés dançando sozinhos, especialmente quando eles podem trabalhar por conta própria. Já sabemos que essa

Dossiê: Comunicação infamiliar

estranheza vem da abordagem do complexo de castração. Algumas pessoas consideram como ápice do *Unheimlich* a ideia de ser enterrado falsamente morto. Para a psicanálise, sua origem é bem outra, nada assustadora, embora carregada por certa certa lascívia, a saber, a fantasia da vida no útero materno. (Freud, 1947, p. 257).

Parecer morto sem estar morto [*Scheintot*] e parecer vivo sem estar vivo [*Scheinleben*], ou a mudança da sepultura para o útero e vice-versa, são em certa medida os representantes do monstruoso e do insólito. Isso se deve à falta, cuja realização só pode ser imaginada. Ou seja, os monstros são expoentes e guardiões do imaginário. Se se conseguisse desvendar a culpa da História, uma culpa que se encontra em estado decantado, seria possível fazer com que a terrível e monstruosa existência humana se validasse como máscara do Real e, ainda, que atravessasse as monstruosidades e espelhos ao meditar sobre o assombro repetidas vezes. O mais importante seria colocar-se em movimento. Quem fica sentado, não pode conferir se há pontes construídas nas telas que movem os horizontes.

Como sabido, em sua parábola do teatro de marionetes, Heinrich von Kleist sugere que, para resolver o problema da inocência perdida, deve-se comer uma segunda vez o fruto da árvore do conhecimento. Esse gesto poderia restaurar o estado de inocência daquele que comeu uma primeira vez. Talvez seja uma suposição eletrizante. É possível que apenas na segunda vez venha o insight que foi negado na primeira queda: de que o paraíso é realmente muito pequeno para os humanos, além de muito chato; de que os filhos de Adão e Eva pertençam a outro espaço-tempo que não o do paraíso; de que não querem mais comer da árvore da vida pois, por algum motivo misterioso, estão em acordo com sua mortalidade e, portanto, o desejo pelo paraíso foi e continua sendo completamente inadequado.

Dossiê: Comunicação infamiliar

Quem hoje passa pela experiência de que o paraíso não é lugar de gente, deve repetir a história do mundo sob outro prenúncio. Pode despedir-se do paraíso, pois a busca por ele envenenou a história mundial e produziu infernos em todos os lugares onde se pronunciou seu nome. Através da repetição pouca coisa mudaria, talvez apenas uma pequena nuance — mas dessa nuance tudo dependeria: pois ela atesta a inadequação do movimento dialético, que sempre persegue uma unidade perdida e produz um excesso de bifurcações. Assim, quem voluntariamente abandona o paraíso e tudo o que, ali, faz vida parecer morte e morte parecer vida, encontra-se novamente no labirinto da linguagem e poderá com isso fundar uma comunidade de contemporâneos [*Zeitgenossenschaft*] *tanto* com os vivos *quanto* com os mortos. Por fim, o *Unheimliche* interno, desfiladeiro do coração, abre-se e revela seu segredo.

Referências

Anders, G. (2002). *Die Antiquiertheit des Menschen II*. C.H. Beck.

Freud, S. (1947). “Das Unheimliche”. In *Gesammelte Werke XII*. Fischer.

Vico, G. (1990). *Scienza nuova. Die neue Wissenschaft über die gemeinschaftliche Natur der Völker*. De Gruyter.